

Ficha técnica

Director: Manuel Frexes

Coordenador redactorial: J. Mendes Rosa

Secretariado da redacção: Ana Grácio, Carla Monsanto, Miguel Gavinhos, Nuno Pimenta, Paulo Gonçalves, Pedro Mendonça, Pedro Ribeiro.

Propriedade: Museu Arqueológico Municipal José Monteiro

Patrocinador Oficial: Crédito Agrícola, Caixa da Região do Fundão e Sabugal

Conselho Editorial: Adriano Vasco Rodrigues, Amílcar Guerra, Ana Mercedes Stoffel, António Martinho Baptista, António Nabais, Armando Coelho Ferreira da Silva, Carlos Santos Banha, Fernando Patrício Curado, Francisco Faure, Henrique Coutinho Gouveia, Hugues de Varine, Jesué Pinharanda Gomes, João dos Anjos Neves, João Mendes Rosa, João Trigueiros, Joaquim Candeias da Silva, Joaquim Veríssimo Serrão, Jorge de Alarcão, José Branquinho de Carvalho, José Cardim Ribeiro, José d'Encarnação, José Parcerias, José Santolaya Silva, Luís Raposo, Manuel Poças das Neves, María Paz García Bellido, Mário Mendes Rosa, Mário Nunes, Marcos Osório, Martín Almagro Gorbea, Miguel G. Figuerola, Paulo Fernandes, Pedro Carvalho, Raquel Vilaça, Trinidad Nogales Basarrate.

Grafismo: Cláudia Saraiva, Marta Couto, Miguel Gavinhos, Paula Dias.

ISSN 1645-9687

Depósito Legal:

Periodicidade: Semestral

Edição: nº3, Primavera/Verão 2005

Assinatura anual (2 números): 20 euros

Número avulso: 12 euros

Pedidos de exemplares e correspondência relativa a colaboração e permuta devem ser dirigidos a:
«Eburóbriga», Museu Arqueológico Municipal José Monteiro,
Rua do Serrão, nº 13-15, 6230-338 Fundão

E-mail: ebvrobriga@gmail.com
museuaequeologico@gmail.com

Solicita-se permuta / On demande l'échange / Man bitten um Austausch / Exchange requested

Na capa: manuscrito/apontamento de D. Fernando. Foto gentilmente cedida pelo Museu Nacional de Arqueologia.

D. FERNANDO DE ALMEIDA: BREVE EVOCAÇÃO NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO*

João Luís Cardoso**

O Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, de seu nome completo Fernando António de Almeida e Silva Saldanha, era natural do concelho do Fundão, onde nasceu a 28 de Novembro de 1903, tendo falecido em Lisboa a 29 de Janeiro de 1979. Oriundo de nobre família, o Dom que usava, antecedendo o seu nome, foi, ao longo da sua vida fecunda, também legitimado, pelos múltiplos “dons” da sua alma generosa que são os que, verdadeiramente, interessam.



Foi eleito académico correspondente da Academia Portuguesa da História a 28 de Março de 1958 e Académico de Número a 18 de Junho de 1971 sucedendo, na cadeira n.º 20, ao Prof. Doutor Manuel Heleno, seu antecessor também na cátedra de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa. Nesta Academia apresentou sete comunicações, número modesto, mas compensado pelo evidente interesse e qualidade das mesmas, publicadas nos Anais. Quando faleceu, desempenhava o cargo de Primeiro Vice-Presidente, para o qual fora eleito a 17 de Fevereiro de 1978, numa altura em que já se encontrava enfermo. Mas, não se eximiu às responsabilidades do cargo: assim se aquilatava a forte ténpera da sua personalidade.

Pareceu depois ao Conselho Académico que o Prof. D. Fernando de Almeida deveria tomar posse da Cadeira n.º 9, que fora do Tenente-Coronel Afonso do Paço, dados os laços de estreita amizade e colaboração que uniram os dois arqueólogos: e assim se cumpriu, confirmando-se o acerto da decisão pelo brilhante Elogio de Afonso do Paço lido, nesta mesma sala, a 21 de Novembro de 1975.

A razão próxima do encargo que, com gosto, aceitei para o dia de hoje, quando ele me foi proposto pelo Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, resulta directamente de ser o actual ocupante da referida cadeira académica, sucedendo nela ao Prof. Dr. Manuel Farinha dos Santos, querido amigo, sempre presente, que aqui mesmo proferiu, no dia 28 de Novembro de 1980, o Elogio de D. Fernando de Almeida. Cumpre-se, assim, um preceito académico, nesta Academia sempre em renovação, mas tendo presente os



exemplos maiores, daqueles que a ela não regatearam o melhor que a sua fecunda vida intelectual tinha para oferecer, os quais devem nortear sempre a actividade dos vindouros.

Nesta curta evocação serão apresentados apenas alguns dos mais relevantes contributos devidos ao homenageado no campo da Arqueologia, deixando para voz mais autorizada que a minha a evocação de outros domínios onde D. Fernando de Almeida se destacou.

Não importa agora analisar a sua obra publicada no domínio da Medicina, em que se licenciou em 1927, na Faculdade de Medicina de Lisboa. Dos 46 trabalhos publicados, a partilha de alguns deles com Egas Moniz bastaria para aquilatar do seu mérito.

Após uma carreira medica bem sucedida, tanto na docência, como na carreira hospitalar e no exercício da medicina privada, como conceituado especialista em Ginecologia e Obstetrícia - eu próprio beneficiei, ainda que involuntariamente dessa experiência, ao ter nascido em maternidade, à Avenida da República, de que era co-proprietário - D. Fernando optou, no vigor da maturidade, por um domínio completamente diferente: o da História e da Arqueologia. Ainda antes de se ter matriculado na licenciatura em História da Faculdade de Letras de Lisboa, em 1949, já tinha posto de lado os estudos médicos: as duas últimas publicações nesta matéria datam de 1946, visto que duas outras, aparecidas em 1954, abordam apenas temas gerais, de índole deontológica. Segundo o Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, as razões para o fascínio que a História lhe causou resultaram de ter decidido acompanhar os estudos de sua Filha, na Faculdade de Letras de Lisboa. Aqui concluiu a Licenciatura em 1954, com a média final de 15 valores. A sua dissertação final (que, pela bitola de hoje, valeria, pelo menos, uma boa dissertação de mestrado), versou a sua querida cidade romana e visigótica da Egitânia, actual Idanha-a-Velha, tendo sido publicada em 1956 pela própria Faculdade de Letras de Lisboa; mais tarde, foi o primeiro doutorado português em Arqueologia e História da Arte, com uma bela dissertação intitulada "Arte Visigótica em Portugal", a que me voltarei a referir.

Os seus méritos como arqueólogo não desmereceram da qualidade do ensino que ministrou, incluindo o entusiasmo que conseguia incutir naqueles que o ouviam ou acompanhavam no terreno. Os incentivos e condições que, empenhada e de forma consequente, punha à disposição dos seus alunos, incluindo o acesso ao estudo dos portentosos espólios dos Museus que estavam à sua guarda, e que assim beneficiaram da sua ajuda amiga e desinteressada é, sem dúvida, a principal razão pela qual, no centenário do seu nascimento, se tenha conseguido reunir no Fundão, o núcleo daqueles que mais de perto com ele trabalharam, depois de terem beneficiado do seu

ensino. Foi, seguramente, este desejo de poder ser ainda mais útil aos seus alunos e, de modo geral, aos desígnios da Faculdade de Letras de Lisboa, que o levou a aceitar o lugar de Director, que creio ainda exercia quando sobreveio o limite de idade.

Logo no mês seguinte ao do seu falecimento, a Associação dos Arqueólogos Portugueses desejou prestar homenagem a quem, por dezasseis anos consecutivos, ali desempenhou o cargo de Presidente da Direcção, inculcando-lhe a marca indelével do seu dinamismo e visão, sempre consequentes, isto é, mensuráveis por obra feita e publicada. Contudo, contrastando com esta realidade, o volume de homenagem que se acordou executar, viria só a ser publicado em 1990 e, ainda assim, mutilado, pois o segundo tomo que o integrava jamais viria a conhecer a luz do dia. Sinais dos tempos ...

O primeiro grande projecto arqueológico a que D. Fernando de Almeida meteu ombros foi o da Egitânia e decorreu da sua origem beirã: ali, por iniciativa da Família Marrocos, de grandes proprietários locais, unida ainda por laços de parentesco a D. Fernando, existia já em 1936 um museu lapidar. Depois de concluída a licenciatura, voltaria a acorrer à milenar cidade, todos os anos, durante quase duas décadas, sempre coadjuvado pelo seu amigo e companheiro o Prof. Doutor O. da Veiga Ferreira, até que um desentendimento, que creio conhecer nas suas razões mais profundas, os separou definitivamente.

As escavações na Egitânia, começadas como recém-licenciado, haveria de as prosseguir já muito depois de ter atingido a cátedra, num afã genuíno de investigar, ano após ano, aquela que tinha sido sede de bispado e cunhado moeda no reino visigótico. Mais do que isso, constituiu verdadeira escola prática de terreno, onde muitos e muitos alunos da Faculdade de Letras deram os seus primeiros passos no domínio sempre difícil e muitas vezes ingrato da Arqueologia, alguns deles ficando por ela definitivamente fascinados. Conseguiu, assim, fazer renascer das cinzas e do esquecimento uma cidade, que devolveu à luz do dia, constituindo o primeiro grande projecto português de Arqueologia Urbana bem sucedido, o qual, só muitos anos depois, teve outro que se lhe possa comparar: refiro-me ao salvamento de Bracara Augusta.

Ainda na segunda metade da década de 1950, desenvolveu escavações em São Miguel de Odrinhas, Sintra, local onde, a par da Egitânia, se encontrava o mais portentoso lapidário romano existente em Portugal. Ali escavou uma basílica paleocristã, numa afirmação, sempre presente, da sua predilecção pelos estudos de Arqueologia romana e alto-medieval. Foi essa preferência que o levou a meter ombros a uma gigantesca tarefa, pisando um terreno ainda inexplorado, o da Arte visigótica em Portugal. Este é exactamente o título da sua dissertação de doutoramento, apresentada em



1962 à Faculdade de Letras de Lisboa, logo publicada na prestigiada revista *O Arqueólogo Português* (merecedora do prémio Calouste Gulbenkian de Arqueologia, no primeiro ano em que este foi concedido). Por vários anos obrigado a calcorrear o País, na busta incessante de pedras e monumentos que aguardavam, há milénios, quem os soubesse ler ou reconhecer, assim se colmatou uma das maiores lacunas da nossa historiografia, de evidente relevância para o conhecimento da realidade Halto-medieval no todo Peninsular, granjeando-lhe no país vizinho, numerosos amigos, entre académicos, conservadores de museus, professores universitários e altos dirigentes culturais.

Nesse início da década de 1960, despontava outra das suas paixões que, como era seu timbre, conseguiu levar a bom porto: a escavação da cidade de Miróbriga, perto de Santiago do Cacém, sobre a qual a então Junta Distrital de Setúbal publicou em 1964 um belo livro, intitulado, “Ruínas de Miróbriga dos Célticos”. Se o título evoca desde logo, o grande amor que D. Fernando tinha por aquele local, a dedicatória aposta na guarda da publicação não é menos reveladora, na sua simplicidade, do grande entusiasmo e confiança que o Autor dedicava à juventude:

“Às Raparigas e aos Rapazes dos Campos Internacionais de Trabalho de Santiago do Cacém 1959-1962: ao seu entusiasmo pela Arqueologia, dedicamos estas notas.

F. A.”

Felizmente, os seus esforços frutificaram, e não apenas nas vocações que, por esta via, despertaram: ao contrário do que sucede, infelizmente, com a larga maioria dos sítios escavados em Portugal, a este não coube a triste sorte do abandono: foi recentemente recuperado, valorizado e musealizado, constituindo um dos locais de visita obrigatória a todos quantos se interessarem pelo passado romano do território português.

Logo depois, com o seu antigo aluno Eduíno Borges Garcia, já então licenciado em Farmácia, publicou outra pérola do nosso património alto-medieval, o precioso templo de São Gião, no concelho de Nazaré.

A última fase das suas actividades de campo é caracterizada pelo retorno a uma das mais emblemáticas cidades industriais e portuárias do mundo romano: refiro-me às escavações que conduziu em Tróia, ao longo da década de 1960 e inícios da seguinte e, uma vez mais, com o concurso de antigos alunos da Faculdade de Letras, entre os quais é justo destacar António e Judite Cavaleiro Paixão, Manuel e Maria Maia, e tantos outros, no

Em 1968 ascendeu a Professor Catedrático, no ano em que o seu particular amigo Manuel Farinha dos Santos a abandonava: mas, a semente estava lançada e, por isso, quase todos dos que hoje, volvidos os 50 anos de idade, pontificam em diversas áreas da Arqueologia, foram seus alunos ou

beneficiaram de apoios por si disponibilizados. Neste âmbito, merece particular referência o incentivo que concedia a jovens interessados no estudo e publicação das colecções do Museu Nacional de Arqueologia, do qual era, por inerência, director, na qualidade de Professor Catedrático de Arqueologia. Logo que, em 1967, tomou posse do cargo, iniciou uma nova série do órgão do Museu, fundado por José Leite de Vasconcelos, a que deu vida nova, saindo, pontualmente, até 1972 ano da sua jubilação; seis volumes.

Era assim D. Fernando: o seu espírito prático, habituado a enfrentar com êxito grandes e pequenos desafios, sempre com o equilíbrio e elegância dele característicos, haveria ainda, antes de morrer, de abraçar um outro desígnio, de importância nacional: a Carta Arqueológica de Portugal. Sob sua orientação, e a pedido da então Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico, nela trabalharam diversos arqueólogos que, com base na bibliografia arqueológica disponível, lançaram, nas mais de quinhentas folhas que constituem a Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, as estações arqueológicas ou simples achados avulsos que foi possível localizar no terreno. Esforço notável, que, ulteriormente, não teve a continuidade que se impunha.

Senhor Presidente, ilustres familiares de D. Fernando de Almeida, minhas senhoras e meus senhores, caros confrades: não tive a sorte de privar com o Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, nem de beneficiar do seu poder comunicativo, nem do seu verbo simples, directo e claro, sem arrebiques desusados. Oriundo de um campo de estudos arqueológicos e de um tempo de formação diferentes, apenas o tive, por uma vez, ouvinte atento à minha primeira comunicação científica, apresentada ao II Colóquio Arqueológico do Distrito de Setúbal, realizado no já longínquo mês de Novembro de 1975, faz agora 28 anos. Tal facto não me impede, bem pelo contrário, de objectivar mais rigorosa e friamente a minha apreciação: por isso, não tenho dúvidas em afirmar que pessoas como o Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, pelo seu exemplo moral, cívico e intelectual, fazem hoje, mais do que nunca, cada vez mais falta não só ao exercício com ética da História e da Arqueologia, áreas que abraçou, por pura devoção, já na maturidade da vida mas, sobretudo, à Universidade, à Ciência e ao País.

Bibliografia

SANTOS, M. Farinha dos (1985) *Elogio do Prof. Doutor D. Fernando de Almeida*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

* Universidade Aberta; Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

** Intervenção proferida na Assembleia Geral Extraordinária da Academia Portuguesa da História de 26 de Novembro de 2003, na qualidade de ser o autor o actual ocupante da Cadeira nº. 9, que pertenceu ao Prof. D. Fernando de Almeida.





Casa do Visconde do Alcaide, tio de D. Fernando, que viria a pertencer a este último.